O VIVO CAIU MORTO
E O MORTO SAIU CORRENDO

JOSÉ ANTONIO LAVALLE

ARTE E LETRA

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

O VIVO CAIU MORTO
E O MORTO SAIU CORRENDO

JOSÉ ANTONIO LAVALLE

ARTE E LETRA

Table of contents

1. Cover

Guide

1. Cover

O Vivo Caiu Morto e o Morto Saiu Correndo

José Antonio Lavalle

tradução
Iara Tizzot

Curitiba 2016

© Arte & Letra Editora
Todos os direitos desta edição reservados à Arte & Letra Editora

E dê-lhe tradições! Por mais propósitos, juramentos, resoluções e oferecimentos que faço de não cansar mais o público com minhas caduquices, nada! De repente e quando menos espero, me cai do teto o argumento de alguma, e záz!, o papel me pega, sem eu poder resistir à tentação. Nem como resisti-la, quando vejo que o próprio mestre as elogia calorosamente, concedendo-as, Deus o perdoe, a um certo comparsa seu, e não só as elogia, mas também dizendo com Molière, *je prends mon bien ou je le trouve,* recebe como filha algumas delas e as põe para correr mundo revestidas em sua *roupa velha*... Façamos as pazes!, e a despeito de propósitos e juramentos, resoluções e oferecimentos, aí está outra tradição! Se bem que Alfonso Karr disse: para que serviriam as resoluções se não fosse para infringi-las?

I

Que confusão, que gritaria, que correria, que soluços, que barulho, meu Deus, reinava na casa dos marqueses de Campoverde, no dia de tantos, de tal mês, de qual ano, do século XVIII! O marquês no corredor dava atropeladamente ordens a toda e numerosa criadagem masculina da casa, cujos indivíduos a percorriam em todas as direções, até que, um na mula de carruagem, outro no burro aguador, este no próprio cavalo de seu amo, aquele em suas próprias pernas ágeis, puseram-se às pressas na rua. Enquanto isso, a marquesa no dormitório, dava com não menos atropelamento, outras ordens a não menos numerosa criadagem feminina, cujos membros por sua vez, corriam por toda a casa, abrindo e fechando portas estrepitosamente e chocando-se e tropeçando uns com os outros sem que ninguém atinasse nem com o que ordenava nem com o que executava. Mas, pela Virgem Santíssima de Carmem!, o que estava acontecendo? Ai, pois não era nada! Era que Joaquinita, a filha única dos marqueses, o ídolo de seus pais e o encanto da sociedade aristocrática de Lima, pela sua beleza e sua criatividade, donaire e graça, morria de um *ataque*. Havia tomado como café da manhã uma xícara de coalhada, durante a digestão comeu uma laranja, almoçou depois arroz, e em seguida tomou banho. Que poderia acontecer? O que estão vendo.

Por fim voltaram os criados e com eles quantos discípulos de Galeno acharam, uns em carruagem e outros em mula, e quantos flebotômicos se abrigavam na vizinhança; trouxeram quantas drogas indicava a elementar terapêutica doméstica; e correu a notícia por todos os cantos da cidade sem necessidade de fio telefônico; e a casa se encheu de gente, o pátio de mulas e cavalos, e a rua de carros e carruagens; e a confusão tornou-se maior e cresceu o barulho e aumentou a desordem; e já ninguém se entendia, porque todos falavam ao mesmo tempo e cada qual indicava um remédio diferente, todos igualmente eficazes, em suas palavras, e todos igualmente

absurdos, nas regras do bom senso.

Enquanto isso, os médicos, congregados no pátio, tampouco se entendiam entre si: cada um era de opinião diferente, tanto no diagnóstico quanto no prognóstico e a respeito do método curativo; e cada um sustentava a sua reforçando-a com argumentos *ad hominem*, gritos e respectivas bengaladas aplicadas em cheio na cerâmica do piso. E a enferma morria; e se havia esgotado sem sucesso, toda a farmacopéia caseira: purgante, emplastros, compressas, azeite de amêndoas, unguento sem sal, etc. Por fim os médicos, por meio de transações, acordaram que lhe fizessem quatro sangrias e uma esfoliação a pau: que, pelo que podia clamar, preparassem-na espiritualmente; e eles se reuniriam novamente à noite, para observar o efeito de suas sábias prescrições; sendo assim se retiraram satisfeitos, não sem antes receber da mão da governanta, que no umbral da porta da sala os esperava, um dobrão de ouro para cada um.

Nova confusão, novos gritos, novas correrias, novas lágrimas e redobrado barulho. Os flebotômicos acudiram ao leito da enferma: enfaixaram fortemente os alvos braços e as torneadas pernas, e ímpios aplicando a lanceta em cada um desses preciosos membros, fizeram brotar simultaneamente, quatro jorros de generoso sangue, até encher quatro copos de vital licor. Depois vedaram as feridas e procederam a aplicação da esfoliação a pau que deveria raspar todo o marmóreo dorso.

Enquanto esses verdugos assim operavam, dispunha-se o altar portátil no quarto da paciente e os criados empreendiam novas correrias em busca do padre da menina, para que fizesse a confissão; do crucífero que lhe deveria auxiliá-la no trânsito fatal; de flores e de poções para receber o Santíssimo e de velas para iluminá-la; para solicitar este da paróquia; para avisar conventos e monastérios do que estava acontecendo e pedir as orações e súplicas dos bondosos padres e das santas monjas pela saúde da enferma; para tomar, em suma, todas as providências que eram de rigor nestes casos.

Ao som do sino do Sacrário, que anunciava que Nosso Amo se preparava para sair, saiu do palácio do vice-Rei o carro que nossos antigos governantes tinham sempre prontos para conduzi-lo, puxado por quatro mulas, ladeado por quatro arqueiros e escoltado por dois soldados da guarda a cavalo e se dirigiu para a igreja: a ela acudiram também as confrarias de escravos de Nosso Amo, os parentes e amigos da família, a criadagem deles e desta e uma multidão de devotos de ambos os sexos, formando-se uma iluminada procissão, cujo centro era o carro do vice-Rei, que ocupava o cura que conduzia o Sacramento, e que precediam, rodeavam e seguiam os escravos do Santíssimo com vestimentas encarnadas elevando em suas mãos em uma haste,

enormes lampiões enfeitados; os defumadores, espalhando o aromático fumo das áureas tochas que conduziam; as misturadoras jogando flores das grandes bandejas de prata que levavam; e os confrades e acompanhantes com velas e círios acesos. Na porta da casa receberam o Santíssimo os membros da família, os parentes mais chegados e amigos mais íntimos e um reforço de iluminadores, misturadoras e defumadores.

Acertados estiveram os galenos, e foi no único assunto em que o estiveram, em mandar dispor espiritualmente Joaquinita para a grande viagem, pois a pobrezinha, à mercê das quatro sangrias e da esfoliação a pau, logo que recebeu a extrema-unção entregou sua alma a Deus, entre as mais vivas manifestações da mais profunda dor de seus amantes pais, numerosos parentes e da sociedade de Lima em geral.

II

No dia seguinte isso por volta das oito da noite, a grande casa dos marqueses de Campoverde oferecia o mais tétrico e lúgubre aspecto. A porta da rua fechada e só o postigo entreaberto: o pátio cheio de gente, principalmente freis de todas as ordens; os bancos do corredor ocupados por vultos negros, de quem escapavam os soluços mais lancinantes; a sala, coberta de cortinados pretos e iluminada unicamente por uma vela colocada em um canto sobre uma mesinha e cuja luz débil amortiçava ainda mais, um crepe negro que a envolvia, cheia também de homens, que guardavam o silêncio mais profundo; a quadra, coberta igualmente por cortinados pretos e tão debilmente iluminada como a sala, cheia do mesmo modo de senhoras, que rezavam em voz baixa o rosário; no dormitório o cadáver de Joaquinita, jacente na cama imperial de sua mãezinha, e já em traje de viagem; isto é, revestido de uma mortalha franciscana de pano azul, que havia custado quarenta pesos; ao pé da cama o ataúde; mais longe o andor dourado da arquiconfraria da Puríssima; e ao redor da defunta as criadas que lhe faziam sua última *toilette.*

Uma delas, ao cruzar-lhe as mãos sobre o peito, observou que no anular da esquerda brilhava com deslumbrantes reflexos, o diamante que lhe havia presenteado seu amoroso pai no dia que cumpriu os quinze anos e pelo qual pagara cem onças de ouro; e julgando com razão que peça tão valiosa não deveria ser enterrada com sua dona, começou a tirá-la de seu dedo – Impossível! Puxou, forçou – Nada! Apelou para a ajuda de suas companheiras, tampouco! Nesse aperto acudiram a Venâncio. Venâncio era um mulato *ita pariter* àquele Merejo que veio à luz em uma novela de certo amigo meu intitulada Salto atrás, do que posso dizer com verdade, o que em solene ocasião disse o general Echenique (digo, o de veras) de um meu

contemporâneo, *que é outro eu*. Venâncio pôs em jogo suas hercúleas forças, sem melhor êxito que as fâmulas: antes teriam arrancado um dedo do rígido cadáver, que o anel ao dedo. Possuídas já aquelas de supersticioso terror, resolveram deixá-lo nele e começaram a depositar o cadáver no ataúde, e a colocar este, descoberto, no andor, que se cobriu com um pano de veludo preto com faixas e franjas de prata, deixando visível o rosto, sobre o pano se pôs a palma virginal, obra primorosa das monjas da Concepção, avisando depois que tudo estava já arrumado e pronto para empreender a marcha.

Abriam caminho as cruzes das cinco paróquias com seus ciriais e atenções respectivos; seguiam as das ordens religiosas; vinha em seguida o andor, conduzido por quatro robustos negros, vestidos com roupas de veludo de igual cor, que então não se usava que as crianças da casa e os amiguinhos fizeram mal o que quatro moços de carga fizeram bem; atrás dele uma dezena de mulheres, cobertas dos pés à cabeça por tecidos negros, que rompiam o ar e os ouvidos com seus venais soluços; depois a parentela; depois uma centena de indivíduos com ternos de todas as cores e tochas acesas e fechando a marcha todo o povo de curiosos; ladeavam esta procissão as comunidades religiosas com os capuzes erguidos e velas acesas nas mãos, cantando fúnebres salmos; e os amigos e convidados, igualmente com as velas acesas; estendendo-se toda ela, como uma serpente luminosa, que desenrolava seus anéis rua após rua.

Assim se conduziu o cadáver ao convento de São Francisco e foi depositado na sala chamada *De profundis*, situada no suntuoso primeiro claustro do nicho, convertida hoje em depósito dos paramentos da arquiconfraria de Nossa Senhora da Puríssima, já que os progressos deste século das luzes... de gás e elétrica, o deixaram sem aplicação. À cabeceira e aos pés do andor foram colocados quatro braseiros que deveriam arder até o dia seguinte, e depois que as comunidades cantaram os responsos correspondentes, retiram-se estas e os outros, deixando o cadáver só nesse vasto e tétrico salão, que mal conseguia iluminar em um raio muito limitado, à mortiça luz das tochas que nos braseiros ardiam.

III

Mal se desvaneceu o rumor dos passos do numeroso acompanhamento, que se retirava do convento e dos freis franciscanos que se recolhiam às suas celas, e cessado o chiado das chaves e dos ferrolhos, e reinou o silêncio do descanso no vasto monastério, ergueu-se lentamente em um dos ângulos mais escuros do *De profundis*, um vulto negro e uniforme em cuja parte superior parecia que centelhavam duas luzes fosfóricas: depois se desprendeu da parede e se dirigiu lentamente até a zona luminosa que rodeava o

féretro, sem fazer o menor ruído e girando ora a um lado, ora a outro, as órbitas incandescentes: quando a alcançou, era possível ver à luz dos círios, um homem fornido, coberto quase até os calcanhares, com um poncho de pano grosso escuríssimo, sob o qual ocultava as mãos, e com os pés descalços: deteve-se ali: olhou o cadáver com ávidos olhos: pintou o terror em seu semblante: virou a aturdida vista a seu redor: fixou o ouvido sem perceber o mais leve rumor: virou até o cadáver seu cobiçoso olhar: e como obedecendo ao impulso de uma força superior, lançou-se sobre ele. Quando chegou perto do féretro levantou e jogou ao solo febrilmente, o pano que o cobria e com ele a palma virginal: rompeu violentamente as ataduras que mantinham as polidas mãos da morta cruzadas sobre o peito: apoderou-se da esquerda, na qual brilhou nesse momento o anel ao reflexo da luz dos braseiros, com o fulgor de uma estrela: tirou de debaixo do poncho uma grande faca de cozinha: deu com ela um feroz talho no dedo anular, e... um ai!, dilacerante rompeu o silêncio da noite, ressonando por todo o convento, mil vezes repercutido pelo de suas abóbodas, e seguido do ruído que produz ao cair violentamente um corpo pesado; e depois, imediatamente, pelo estalido semelhante ao de uma bexiga inflada de ar, estilhaçada com força sobre o solo.

A tão estranhos a aterrorizantes ruídos, despertaram os freis sobressaltados, saltaram de suas tarimas e acudiram em tropel ao *De profundis* de onde provinham. Qual seria seu espanto e sua surpresa ao penetrar nele e encontrar a morta de pé, com o capuz da mortalha caído, o cabelo desbotado e estendido o braço esquerdo de cujo extremo emanava sangue, e a seus pés, deitado de boca para cima, os braços em cruz e na sua mão direita uma faca ensangüentada, o crânio estilhaçado e seus miolos desparramados, um homem que a olhava através do véu da morte, com os olhos desmedidamente abertos e nos que se retratava o terror e o espanto mais intenso! Era o mulato Venâncio!

No dia seguinte Joanita Campoverde jazia em seu leito, entre lençois de cambraia, bordados em relevo e rendas, coberta por uma colcha da China de claro celeste bordada de mil cores, e repousando sua cabeça em travesseiros de tafetá carmim, com fronhas de fio, em que, mediante sua juventude, ajudada por suculentas substâncias de galinha, gelatinas de pavão, e papas de milho e gema, e os cuidados ternissimos de seus amantes pais, cujo gozo não pode caber na mente dos que não o sejam, recuperou bem depressa o sangue, cuja extração a tal extremo a levara, e com ela a saúde, tornando-se o suntuoso enterro que lhe haviam disposto em São Francisco, na mais solene missa de ação de graças que se celebrou sob suas abóbodas, inclusive a do último dia de Santo Andrés Avelino, que é quanto se tem por dizer.

Sobre o autor:

José Antonio de Lavalle (1833-1893) escritor peruano que dedicou boa parte de sua obra a reconstrução histórica do período colonial. Em 1859 fundou a Revista de Lima *onde publicava suas "leyendas". Teve também atuação política, chegando ao cargo de Embaixador Extraordinário para resolver uma delicada questão envolvendo Peru, Bolívia e Chile. Escreveu romances, contos e ensaios e entre suas principais obras estão* Salto atrás, El capitán Doria *e* La hija del contador.